

MINISTÉRIO

ADVENTISTA

Uma Revista para Pastores e Obreiros

MAI/JUN 83



NÚMERO 3

Reforma
ou Redenção:
A Igreja Tem
de Escolher?



**1000
DIAS DE
COLHEITA**

ÍNDICE

EDITORIAL

Perfil Bíblico de um Pastor Distrital **3**
Daniel Belvedere

ARTIGOS GERAIS

Há Necessidade de Mais Ataques Cardíacos! **4**

Ron Watts

Reforma ou Redenção: A Igreja tem de Escolher? **6**

Enoch de Oliveira

Antigo Vislumbre de Ellen G. White **9**

Otis Nichols

A ESPOSA DO PASTOR

Aventura no Ministério **11**

Teenie Finley

O PASTOR

Historiadores ou Apóstolos? **13**

Lenard D. Jaecks

OBRA PASTORAL

A Responsabilidade do Pastor e a Mordomia dos Bens **14**

Gordon A. Lee

Coisas que Meu Pastor Nunca me Disse **16**

Davi M. Ritter

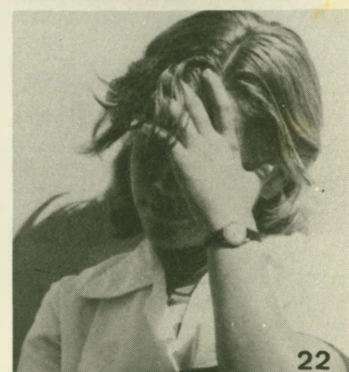
Bons Casamentos Não Acontecem por Acaso **18**

Ron Flowers

CIÊNCIA

Você é o que Você Pensa **22**

Norman L. Mitchell



O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 49 Nº3 MAI/JUN 83

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa

Redator:
Naor G. Conrado

Colaborador Especial:
Daniel Belvedere

Colaboradores:
João Wolff

2

José C. Bessa
Alcides Campolongo
Severino Bezerra
Jefte de Carvalho

Direção de Arte:
Erlo G. Köhler
Rogério Sorvillo Vieira

Diagramação:
Manoel A. Silva

Assinatura Anual:
Cr\$ 1.200,00

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista *O Ministério Adventista*, devem ser enviados para o seguinte endereço:
Caixa Postal 12-2600
70279-Brasília, DF

Capa: Manoel A. Silva

6185



Editado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira,

Av. Pereira Barreto, 42
09000 - Santo André,
São Paulo

Perfil bíblico de um pastor distrital

Daniel Belvedere

Muitas vezes temos ouvido dizer que o pastor distrital é produto da situação econômica atual de nossa Igreja. De fato, as finanças têm obrigado as respectivas administrações a ir abandonando gradualmente o sistema de um pastor para uma congregação, adotando o método de ter um distrito de igrejas sob a responsabilidade de um ministro do evangelho. Se encararmos as coisas do ponto de vista estatístico, podemos supor que o pastor distrital é fruto das necessidades de nossa época. Por exemplo: Em 1940 havia na Divisão Sul-Americana um pastor para 130 membros, em média, e um para 120 na Divisão Interamericana; em 1980 um pastor era responsável por 517 membros na Divisão Sul-Americana e por 641 na América Central. Entretanto, ao analisar o Novo Testamento, chegaremos à conclusão de que o pastor distrital já existia no tempo dos apóstolos.

Distritos do Século I D.C. É muito interessante a análise da carta de Paulo a Tito: "Por esta causa te deixei em Creta para que pusesses em ordem as coisas restantes, bem como, em cada cidade, constituíesses presbíteros, conforme te prescrevi."¹ Evidentemente, Tito não tinha só uma congregação, mas várias, que constituíam algo semelhante a um distrito, e devia delegar responsabilidades aos anciãos, a fim de que a obra fosse realizada cabalmente, mas ao mesmo tempo continuava tendo responsabilidades sobre toda essa área.

Provavelmente encontremos mais material para descobrir o perfil bíblico de um pastor distrital no ministério de Timóteo, pelo fato de que o Novo Testamento fala mais acerca deste jovem ministro. Sabemos que esteve a cargo da obra em Éfeso² e aparentemente também de Corinto³, as quais foram igrejas-mães de outras congregações pastoreadas dos referidos centros, constituindo o equivalente moderno dos distritos pastorais.

Em que Consistia o Trabalho do Pastor Distrital?

1. *Timóteo foi o homem de confiança de Paulo para realizar o trabalho de confirmação.*

Todo evangelista sabe muito bem quão importante é ter um homem hábil na confirmação, e que tenha amor por essas novas almas do rebanho do Senhor. Paulo preparou a Timóteo para a tarefa levando-o consigo enquanto confirmava as igrejas e lhes deixava as instruções do concílio de Jerusalém.⁴ O registro bíblico mostra que Timóteo foi crescendo nesta área, pois quando perseguiram a Paulo em Beréia, e, antes de ir para Corinto, o apóstolo o deixou junto com Silas em Beréia.⁵ Havendo obtido mais experiência, Paulo o envia de Atenas a Tessalônica, a fim de confirmar os novos irmãos⁶, e provavelmente tenha permanecido na Grécia quando Paulo voltou por um ano a Jerusalém. Estava em Éfeso com Paulo quando surgiram os problemas em Corinto, e o apóstolo o enviou com a primeira carta, embora aparentemente não teve uma gestão de muito êxito, a julgar pela segunda epístola.⁷ Junto com Erasto foi enviado à Macedônia.⁸

2. *Timóteo foi instruído para trabalhar com os leigos.*

Embora naquela época não houvesse seminários sobre administração em que fossem explicadas as virtudes de delegar responsabilidades, Paulo instruiu a Timóteo nos seguintes termos: "O que de minha parte ouviste, através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros."⁹ Evidentemente, ele devia realizar uma tarefa como a que séculos mais tarde seria indicada por Ellen G. White: Ensinar o povo a trabalhar¹⁰, a fim de que os pastores possam estar mais livres para penetrar em lugares novos.¹¹

3. *Timóteo é ensinado a realizar vigorosa obra pastoral.*

O apóstolo foi muito minucioso em instruir a seu jovem colaborador acerca do trabalho de aconselhamento, visitação, instrução, erradicação das heresias doutrinárias, etc. Sem dúvida, os conselhos das duas epístolas dirigidas ao jovem pastor devem servir de base a todo curso de instrução pastoral para os ministros modernos.

Há necessidade de mais ataques cardíacos

RON WATTS

Diretor de Ministérios Pessoais da Associação
ASD de Oregon, EE.UU.

A Igreja Adventista inventou diversos programas comunitários eficazes para ajudar as pessoas a reduzir o risco de sofrerem um infarto do miocárdio — cursos para deixar de fumar, aulas de controle de peso e do stress, etc. No entanto, necessitamos de mais ataques cardíacos, entre os adventistas do sétimo dia, como o que Jesus sofreu: "Vendo Ele as multidões, compadeceu-Se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor." S. Mat. 9:36.

Quando Jesus via as multidões, sofria um "enfarte de compaixão". Seu grande coração de amor

se enchia de piedade e solicitude pelo fato de que tantos, em tão grande necessidade, tivessem de ser ajudados por tão poucos! Esse intenso amor por desamparados e aparentemente desesperançados seres humanos conduziu-O ao Calvário, a fim de sacrificar Sua vida em favor deles.

Na qualidade de adventistas do sétimo dia, como encaramos as multidões da Terra hoje em dia? Como um obstáculo a ser vencido na realização do objetivo de levar o evangelho a todo o mundo? Ou como vasto potencial a ser conquistado para o reino de Cristo e Sua eterna glória? Se Jesus Se

compadeceu das multidões dispersas que não tinham pastor, que deveríamos sentir ao olhar para o mundo na atualidade?

Presentemente a população do mundo é de mais ou menos 4,8 bilhões de habitantes; calcula-se que por volta do ano 2.000 esse número se elevará para 6,3 bilhões! Noventa por cento desse crescimento ocorrerá nos países menos desenvolvidos da Ásia, África e América Latina. Os demógrafos calculam que na virada do século a Índia terá 1,4 bilhões de habitantes; o Brasil 275 milhões; Bangladesh 245 milhões; e o México 175 milhões.

A renda anual *per capita* varia de mais de oito mil dólares na Suíça a menos de oitenta dólares em Bangladesh. Em 7 de julho de 1973 o periódico *Indian Express* relatou que na Índia morre anualmente um milhão de crianças por não terem o suficiente para comer. O Ministério da Saúde desse país referiu em fevereiro de 1973 que um quinto dos bebês que nasciam naquele país não passariam dos cinco anos de idade.

Os governos na maioria desses países subdesenvolvidos estão enviando gigantescos esforços para melhorar a saúde, a educação e o bem-estar econômico de seus povos. Muitos estão procurando realizar em poucas décadas a industrialização que levou centenas de anos para ser alcançada pela Eu-



4. "Faze o trabalho de evangelista, cumpre... o teu ministério."

Evidentemente, S. Paulo considerou que, efetuando um vigoroso trabalho pastoral, de instrução dos leigos e de confirmação, seria realizada uma fase muito significativa da tarefa; mas, a menos que se fizesse a obra de evangelista, o ministério estaria incompleto.

Tal é a imagem de pastor evangelista que oferece o Novo Testamento como perfil bíblico de um distrital.¹² Por certo, mais de um de nós poderia pensar neste momento que, embora as doutrinas sejam imutáveis, os métodos podem variar. Reconhecemos que isso é verdade, mas não podemos olvidar dois fatos significativos: Em primeiro lugar, nunca a Igreja teve tanto êxito na conquista de almas em relação com o número de seus membros como nos dias dos apóstolos, quando os distritais eram pastores-evangelistas; em segundo lugar, a irmã White diz que devemos aprender dos métodos de trabalho bíblico.

Por último, tanto a Divisão Sul-Americana, com o plano do quinquênio com seus últimos mil dias de colheita, como os planos de explosão e crescimento da Divisão Interamericana, estão baseados nesse tipo de pastor distrital que, além de instruir os leigos e confirmar os novos crentes, faz a obra de evangelista, a fim de cumprir seu ministério! ■■

1. Tito 1:5.

2. I Tim. 1:3.

3. I Cor. 4:17; 16:10.

4. Atos 16:4 e 5.

5. Atos 17:14-16.

6. I Tim. 3:1 e 2.

7. I Cor. 4:17.

8. Atos 19:21 e 22.

9. II Tim. 2:2.

10. Ellen G. White. *Serviço Cristiano*, págs. 74-81.

11. *Idem*. *Evangelismo*, págs. 381 e 382.

12. II Tim. 4:1-5.

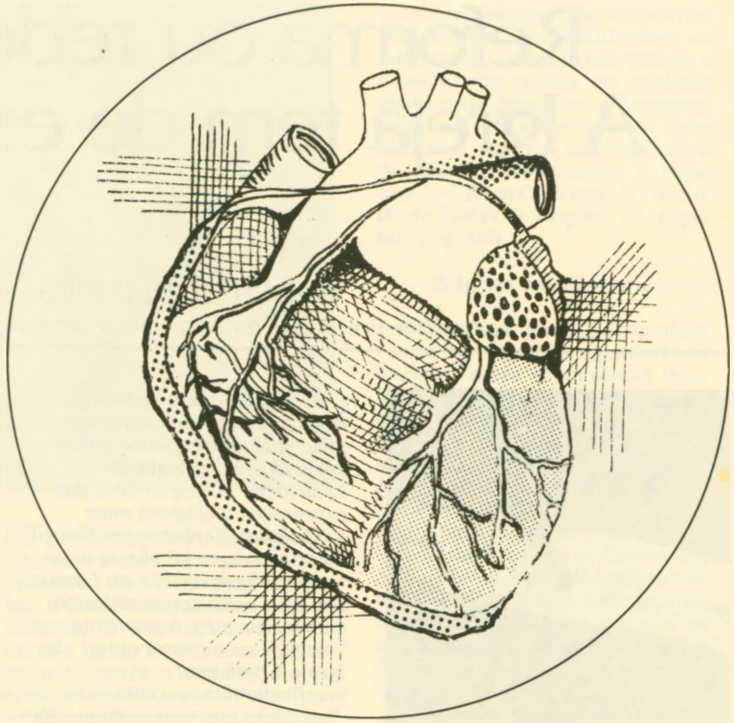
ropa. Esse esforço geralmente é acompanhado de intensa migração das regiões rurais para vastas áreas metropolitanas. A sociedade tecnológica em que se encontram esses povos impõe graves tensões a tradições éticas e crenças religiosas de séculos de idade. Os apertados laços familiares que provêm estabilidade nas sociedades rurais são rompidos sem que sejam substituídos por outras estruturas estabilizantes. Entre os jovens, a moderna educação científica enfraquece os valores espirituais tradicionais.

O problema dos refugiados, suscitado por guerras e revoluções, também atingiu proporções gigantescas. Só no continente da África há presentemente mais refugiados do que já houve antes em qualquer período da História.

A descrição que o Senhor faz das multidões como ovelhas sem pastor se aplica apropriadamente a grande parte da população do mundo na década de 1980.

Qual deve ser nossa reação? A reação de Jesus foi a compaixão. O povo de Deus deve ser imbuído de divina compaixão, como sucedeu com o Salvador. O princípio do amor deve impeli-los a aliviar o sofrimento e a prover a esperança de uma vida melhor num mundo melhor. Os programas que não levam em consideração o destino eterno dessas pessoas não refletem a comiseração de Jesus. A mais grave situação enfrentada pelas multidões nos países em desenvolvimento é que a maioria dessa gente nunca ouviu o evangelho de Jesus Cristo, e não conseguirá fazê-lo se a Igreja não despertar para cumprir sua incumbência divina.

Quando Jesus viu a sociedade humana em tal estado de crise que as pessoas eram como ovelhas sem pastor, Ele levou Seus discípulos a esperarem elevado grau de boa vontade para aceitar o evangelho. "A seara na verdade é grande." S. Mat. 9:37. Essa receptividade é deveras evidente nos países em desenvolvimento. Enquanto o adversário opera na sociedade, causando tais dificuldades que as pessoas percam toda esperança e fé, Deus está agindo em meio desses mesmos problemas, preparando uma colheita para Seu reino. O Espírito Santo está em atividade, suscitando condições nas quais povos e tribos inteiras estão se tornando sensíveis ao evangelho. Na Índia, hoje em dia, talvez haja mais de duzentos milhões de pes-



soas que poderiam ser levadas a seguir a Jesus Cristo, se houvesse suficientes recursos, organização e pessoal para essa tarefa. Os cristãos no Canadá e nos Estados Unidos possuem oitenta por cento da riqueza pertencente aos crentes evangélicos em todo o mundo, ao passo que oitenta a noventa por cento das pessoas que estão entregando o coração a Cristo pela primeira vez residem nos países em desenvolvimento da África, Ásia e América Latina.

Essa receptividade é, porém, uma espada de dois gumes. As condições que tornam as pessoas sensíveis à verdade eterna também as tornam sensíveis a outros sistemas de pensamento religioso e político.

Qual é a reação dos Adventistas do Sétimo Dia? Estamos agora empenhados num programa para a conquista de um milhão de homens e mulheres para Jesus Cristo, a fim de levá-los a guardar os Seus mandamentos e preparar-se para Sua volta. Não consideramos esses "Mil Dias de Colheita" como um fim, mas como o começo de uma grande penetração evangelística que nos conduza à experiência do tempo em que milhares se converterão num dia, como no Pentecostes. Tal derramamento do Espírito de Deus e tais sucessos evangelísticos serão acompanhados de pro-

funda dedicação espiritual como sucedeu entre os discípulos, no Pentecostes. Os crentes da Igreja Apostólica não somente estavam dispostos a dar de sua renda para o avanço da Causa de Deus, mas muitos também se achavam dispostos a exaurir o seu capital.

A medida que nossa obra se aproxima de seu grande e glorioso triunfo sob o poder de Deus, não veremos as pessoas darem menos para as missões mundiais, mas cada vez mais. Precisam ser feitos planos em cada uma das igrejas de todos os continentes para que uma parcela cada vez maior de nossas dádivas seja dedicada ao avanço do evangelho em todo o mundo. Há uma oportunidade diante de nós para fazermos um sacrifício em prol da evangelização mundial.

Está havendo grande entusiasmo pelos Mil Dias de Colheita nos países em desenvolvimento. Os adventistas sabem que este é um tempo de grandes oportunidades para a conquista de almas. Alguns dos patrocinadores do evangelismo mundial que mais se sacrificam vivem em absoluta pobreza. Muitos nos países em desenvolvimento darão mais do que são capazes. Não façamos menos do que eles para Deus.

"Pois o amor de Cristo não nos deixa outra escolha." II Cor. 5:14, NEB. ¶

Reforma ou redenção: A Igreja tem de escolher?

ENOCH DE OLIVEIRA

Vice-Presidente da Associação Geral dos ASD

À medida que a agitação e o descontentamento continuam a fermentar entre muitos povos oprimidos, a Teologia da Libertação tornou-se uma das expressões teológicas mais propaladas. O elemento "liberal" do cristianismo há vários anos tem estado envolvido em causas sociais e políticas ao redor do mundo. E agora, o segmento "evangélico e conservador" da Igreja Cristã está manifestando crescente disposição para esposar questões políticas e sociais que considera importantes.

Como os Adventistas do Sétimo Dia devem encarar essas tendências e qual deve ser nossa posição?

Este artigo foi escrito em resposta a uma pergunta de um estudante universitário adventista: "Por que a Igreja Adventista do Sétimo Dia está se escondendo detrás de um escapismo conveniente, indiferente aos suspiros dos solitários e aos gemidos daqueles que definham nos recessos de prisões escuras?" Devido ao "despotismo, tortura, tirania e injustiça social" que ele vê no mundo, solicita urgentemente que a Igreja lhe dê uma exposição sobre este assunto.

Os Adventistas do Sétimo Dia de modo algum são indiferentes às necessidades humanas. No entanto, a Igreja crê na apropriada junção das responsabilidades horizontais e verticais do cristão. — Os Editores.

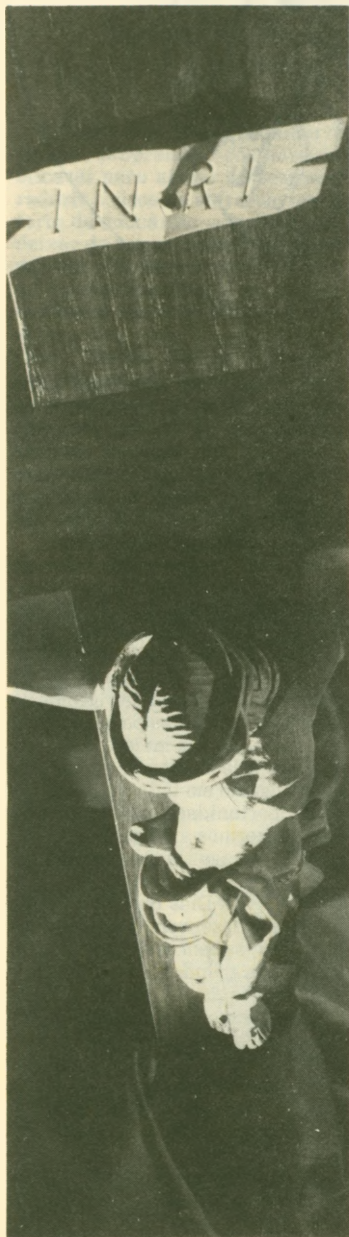
Uma crise está agora abalando o catolicismo, segundo Mitchel de Saint-Pierre, dividindo o clero em dois grupos antagônicos: os verticalistas, que estão preocupados com a revelação, e os horizontalistas absortos em revolução. Um grupo é conhecido por seu fervoroso teocentrismo, e o outro por seu absorvente antropocentrismo. Os verticalistas focalizam seus interesses na justiça divina, ao passo que os horizontalistas concentram sua atenção na justiça social.

Essas duas posições, que aparentemente estão dividindo os sacerdotes católicos, também parecem estar separando teólogos e ministros do evangelho que representam o protestantismo histórico e contemporâneo. Cada dia, há um crescente número de dirigentes evangélicos que apóiam uma igreja temporal, não-conformista; que participam de movimentos de protesto e que proclamam a necessidade de modificações radicais na presente estrutura social. Em contraste com isso, também encontramos ministros conservadores, guiados por um verticalismo isolado, que defendem a idéia de uma igreja conformista e introvertida, separada do mundo e indiferente aos problemas causados pela tirania, pobreza e injustiça social.

Em face de semelhante dualismo, onde nos encontramos como Igreja? Somos verticalistas ou horizontalistas?

A Visão de Isaías

Dentro de todo ser humano há uma incontrolável natureza verticalista. Procedemos de Deus, e sem ele nós nos sentimos vazios, incompletos e desorientados. Há em toda alma um anseio pelo que é eterno, um desejo por uma vida além dos limites da Terra. Este misterioso impulso interior conduz as almas piedosas a uma experiên-



Casa/H. Armstrong

cia vertical, a um encontro com Deus.

Quando o profeta Isaías se sentiu imerso no mundo místico do espírito, ele nos deixou uma descrição poética de sua experiência: "Eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono." Isa. 6:1. Esta foi certamente uma experiência singular em sua vida. Era tão sublime que as palavras humanas foram incapazes de descrevê-la, e, portanto, ele usou figuras simbólicas. Enquanto contemplava, porém, a majestade de Deus, ouviu uma voz dizendo: "A quem enviarei?" Enfrentando esse desafio, ele respondeu sem hesitação: "Eis-me aqui, envia-me a mim." Verso 8. Semelhante disposição voluntária revela que ele teve uma visão que abrangeu não somente o Deus transcendente, alto e sublime, mas também o mundo inteiro e suas tremendas necessidades.

Da visão de Isaías podemos inferir que o genuíno verticalismo — a adoração de Deus — conduz as almas crentes a uma experiência horizontal — à ação em prol de outros. Essas duas linhas, uma dirigida para o Altíssimo e a outra dirigida para o nosso próximo, nos dão uma verdadeira visão da cruz e sua significação. Ao contemplarmos a cruz, compreendemos em toda a sua grandeza, o desafio de um mundo abalado pela incerteza e coberto com os escombros da desilusão.

Mas, que tipo de ação deve incentivar-nos nessa experiência horizontal? Diante de exacerbados e clamorosos movimentos subversivos, greves e marchas de protesto, muitos perguntam a si mesmos: Como devemos relacionar-nos com isso como Igreja? É correto que unamos as forças com os ativistas em sua luta por uma sociedade mais humana e justa? Podemos nós, em nossa experiência horizontal, erguer o estandarte da subversão?

O Exemplo de Cristo

Está-se dizendo muita coisa, hoje em dia, alguns círculos religiosos, a respeito de "violência cristã" e "violência justificável", como legítimo recurso contra a violação dos direitos humanos e contra "leis injustas". Os defensores da "teologia da libertação" apresentam a Jesus como o primeiro cristão que usou a violência em nome de Deus. Os que O viram com o açoitado de cordéis na mão, expulsando os traficantes que profanavam o santuário de Deus, compreenderam Sua atitude, lembran-



Casa/A. Rios

do o que fora profetizado pelas Escrituras: "O zelo da Tua casa Me consumiu." Sal. 69:9. Esta foi, porém, a única vez que Jesus usou a violência. E Sua ação voltou-se contra a igreja e os abusos religiosos, não contra a sociedade e os erros políticos. Quando Pedro puxou da espada e cortou a orelha do servo do sumo sacerdote, ele ouviu dos lábios de Cristo a admoestação: "Todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão." S. Mat. 26:52.

O único caminho seguro para a Igreja é seguir o notável exemplo de Cristo. Ele advertiu os ricos de que eles teriam dificuldade para entrar no Reino de Deus; todavia, nunca participou de movimentos de protesto, nem denunciou a injusta distribuição da riqueza. Nunca se uniu a grupos subversivos carregando cartazes que diziam: "Abaixo os romanos!" Jamais proferiu um discurso contra a tirania e a opressão imperialista de César. Pelo contrário, certa vez Ele disse: "Dai... a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus." S. Luc. 20:25.

Estudando Sua vida e ensino, podemos compreender melhor que atitude devemos tomar em face da corrupção e injustiça. É-nos declarado pela Inspiração: "O governo sob que Jesus viveu era corrupto e opressivo; clamavam de todo lado os abusos — extorsões, intolância e abusiva crueldade. Não obstante, o Salvador não tentou nenhuma reforma civil. Não atacou nenhum abuso nacional, nem condenou os inimigos da nação. Não interferiu com a autoridade nem com a administração dos que se achavam no poder. Aquele que foi o nosso exemplo, conservou-Se

afastado dos governos terrestres. Não porque fosse indiferente às misérias do homem, mas porque o remédio não residia em medidas meramente humanas e externas. Para ser eficiente, a cura deve atingir o próprio homem, individualmente, e regenerar o coração." — Ellen G. White, *O Desejo de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 489.

A Igreja e a Violência

Os cristãos primitivos também recusaram erguer o estandarte da sedição contra a "violência institucionalizada". Mas, por volta do quarto século, quando o cristianismo passou a ser reconhecido como a religião oficial do Império, Santo Agostinho (354-430) aprovou francamente o uso de violência para combater a injustiça. Em seu *Treatise on the Freedom of Choice*, ele defendeu o estabelecimento de uma ditadura sob a liderança de uma elite, quando as pessoas se mostravam incapazes de escolher dirigentes governamentais honestos e competentes.

O pensamento do Bispo de Hipona teve grande influência sobre Tomás Aquino (1225-1274), o qual escreveu: "Quando as leis são injustas, os súditos não são obrigados a obedecer a elas." Numa causa legítima, asseverava Aquino, "a morte pode ser infligida a qualquer homem", sem injustiça.

Estes e outros conceitos similares proclamados por influentes dirigentes religiosos daquele tempo inspiraram os odiosos tribunais da "Santa Inquisição", que foram responsáveis por crimes horrendos e vis perpetrados "em defesa da fé cristã".

Em sua encíclica *Populorum Progression*, o Papa Paulo VI justifica a violência contra "prolongada tirania que ofende gravemente os direitos humanos e ameaça o bem comum do país".

No entanto, em contraste com o pensamento do Papa Paulo VI, temos a atitude do Apóstolo Paulo, o apóstolo dos gentios. Ele viveu num tempo em que predominava um dos mais odiados de todos os males — a escravidão. De acordo com a lei romana, um escravo não era uma pessoa; ele era uma coisa, um animal. Seu senhor tinha completa autoridade sobre ele e podia torturá-lo, mutilá-lo e mesmo matá-lo com total impunidade. Entretanto, não encontramos nos escritos de Paulo nenhum protesto contra o sistema da escravidão. Pelo contrário, ele insistiu que os

escravos cristãos obedecessem a seus senhores, mesmo que fossem rigorosos e cruéis. No caso específico de Onésimo, escravo convertido em Roma, Paulo enviou-o de volta a seu senhor. Paulo não se preocupava com os sistemas ou instituições impostos pela lei, e, sim, com a proclamação do evangelho e seu poder redentor.

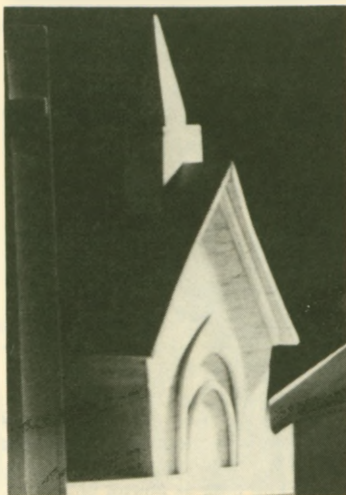
"Não era obra do apóstolo subverter arbitrariamente ou subitamente a ordem estabelecida da sociedade. Tentar isto seria obstar o sucesso do evangelho. Mas ele ensinava os princípios que atingiam o próprio fundamento da escravatura, os quais, se postos em execução, minariam seguramente todo o sistema. 'Onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade', declarou ele. (II Cor. 3:17.) Quando convertido, o escravo tornava-se membro do corpo de Cristo, e como tal, devia ser amado e tratado como irmão, co-herdeiro com seu senhor das bênçãos de Deus e dos privilégios do evangelho." — Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, págs. 459 e 460.

Sociologia ou Salvação?

Conhecido líder religioso, que se tornou famoso por sua participação em marchas de protesto, fez a seguinte declaração: "Encaro a atividade religiosa sob o aspecto da ação social. Pregar e outras coisas ridículas que fazíamos antigamente não se justificam mais em nosso tempo. Estamos mais preocupados com o homem do que com Deus. Deus pode cuidar de Si mesmo. O homem necessita de nosso auxílio."

Parece ser claro, porém, que quando a Igreja faz da ação social sua principal prioridade, ela perde sua identidade como instituição cristocêntrica e espiritual, e se transforma num organismo político centralizado no homem. Talvez mantenha uma aparência religiosa, mas não terá poder espiritual. Sob o pretexto de promover a restauração do Reino de Deus, ela apressa, na realidade, o estabelecimento do reino do homem. Em sua ânsia de melhorar as condições sócio-econômicas dos indivíduos, ela perde a visão de sua missão profética, de sua responsabilidade espiritual.

"Não somos enviados para pregar sociologia, mas salvação; não economia, mas evangelismo; não reforma, mas redenção; não cultura, mas conversão; não progresso, mas perdão; não uma nova ordem social, mas o novo nascimento; não



Casa/ Erló

A tarefa da Igreja deve ser a proclamação do evangelho que liberta o homem de uma vida egocêntrica, destituída de ideais e significação, e lhe dá uma vida plena e abundante.

revolução, mas regeneração; não renovação, mas reavivamento; não ressurgimento, mas ressurreição; não uma nova organização, mas uma nova criação; não democracia, mas evangelismo; não civilização, mas Cristo. Somos embaixadores, não diplomatas." — Hugo Thomson Kerr, citado em *Evangelism Today*, por Samuel Marium Zwemer, pág. 16.

A Igreja e a Ação Social

Não cremos que a função da Igreja é formular programas casuísticos de ação social. "A Igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 9. A tarefa da Igreja deve ser a proclamação do evangelho que liberta o homem de uma vida egocêntrica, destituída de ideais e significação, e lhe dá uma vida plena e abundante.

A proclamação do evangelho não deve ser, porém, o único interesse da Igreja. O mundo tem o direito de esperar que a Igreja venha a ser mais do que mera ambulância, apanhando desditosas, feridas e pobres vítimas do vício, da doença e da opressão social. Convém que a Igreja tome a iniciativa na luta contra os inimigos da humanidade. Por esta razão não poupamos esforços em nossa luta contra o abuso de drogas, contra o alcoolismo, fumo, jogo, pornografia, prostituição, contaminação ecológica e outros males que debilitam a sociedade. Além disso, estamos empenhados num extenso programa de beneficência, que proporciona assistência social aos oprimidos e desamparados.

Por preceito e exemplo pregamos um novo conceito de vida no qual os motivos não são o egoísmo, a ambição ou a competição, mas amor fraternal e respeito pela dignidade humana. Ao enaltecer os méritos do amor, denunciamos a dialética e os sistemas que estimulam o ódio e que são responsáveis por rebeliões e guerras.

Entrementes, não nos deixaremos enganar pela ilusão de que podemos transformar a ordem estabelecida das coisas. Deus terá finalmente de realizar isso. De acordo com a profecia, Ele logo intervirá no destino do mundo, estabelecendo "novo céu e nova Terra", transformando assim completamente a estrutura social. ❧



Antigo vislumbre de Ellen G. White

Em 20 de abril de 1846, um antigo adventista chamado Otis Nichols escreveu uma carta de seis páginas e meia para Guilherme Miller, na qual ele apresentou diversas razões por que considerava genuínas as visões de Ellen Gould Harmon, de 18 anos de idade. É significativo que essas razões, consignadas cerca de um ano e meio depois da primeira visão de Ellen Harmon, são surpreendentemente semelhantes às que os Adventistas do Sétimo Dia mantêm hoje em dia. Os argumentos estão bem firmados na Escritura. O trecho que segue é a parte da carta referente a essa jovem que mais tarde passaria a chamar-se Ellen White. — Os Editores.

Junto com esta segue uma parte da visão de E.G.H. [Ellen Gould Harmon] de Portland [Maine]. Crieio plenamente que elas são do Céu. A forma e as circunstâncias concomitantes são diferentes de tudo que eu tenho visto ou lido depois dos dias dos apóstolos. Desejo pedir-lhe que ponha de lado o preconceito e adie a decisão até que as tenha lido e comparado com a Escritura e a verdade presente. E "se não falarem segundo esta Palavra [e a verdade presente], é porque não há luz neles" (Isa. 8:20). "Não desprezeis profecias; julgai todas as coisas, retende o que é bom." I Tess. 5:20 e 21.

As visões ou são do Céu (Atos 10:4-16) ou de Satanás (Deut. 12:1-5). Muitas delas, no tempo presente, são indubitavelmente uma falsificação da parte de Satanás; portanto, como é natural, há uma moeda verdadeira. Devemos julgá-las pelos seus frutos, de acordo com a Bíblia e a verdade. Se forem do Céu, com a ordem de que sejam divulgadas para os outros, Deus considerará responsáveis a todos os que ouvem. Em Deuterônimo 18:22 nos é declarado como podemos saber se procedem do Senhor: "Quando... a palavra... [do profeta] se não cumprir nem suceder, como profetizou, esta é palavra que o Senhor não disse." Muitos, porém, dizem agora que falhou toda visão. Bom, isto está cumprindo Ezequiel 12:22-28. Esse provérbio tem sido usado com maestria durante alguns meses passados, na terra de Israel, a saber: *prolongar-se-ão os dias, e perecerá toda a visão.* Mas Deus declara: "Farei

cessar esse provérbio" com "o cumprimento de toda a visão."

A primeira visão de E.G.H. ocorreu no outono de 1844, e nunca foi publicada para o mundo. Era uma visão das viagens do grupo do advento a partir do sétimo mês de 1844, e até agora tem tido um cumprimento tão perfeito quando possível, especialmente na maioria dos grupos e indivíduos do advento com que estamos familiarizados. Seu chamado foi muito notável — só 17 anos de idade, acometida de tísica hidrópica e retida em casa durante a maior parte do tempo, por cinco anos, e confiada à morte pelos médicos. Deus a chamou nessa condição e lhe recomendou que fosse contar ao rebanho o que Ele lhe havia revelado — que um anjo a acompanharia em todo o tempo, e às vezes dois, em ocasiões de necessidade e que nenhum poder iníquo na Terra teria domínio sobre ela se obedecesse ao Senhor.

Na ocasião em que ela saiu pela primeira vez para transmitir sua mensagem (janeiro de 1845), quase não era capaz de andar pelo aposento e não podia falar com voz audível. Mas ela tem fé em Deus, e foi conduzida nesse estado a alguns quilômetros de distância para transmitir sua mensagem. Quando se levantou para falar, sua voz quase havia desaparecido, mas Deus cumpriu o que prometeu e lhe concedeu força física e clara e forte voz audível para falar durante quase duas horas com tremendo poder e efeito sobre as pessoas, sem fadiga física. A partir dessa ocasião e durante muitas semanas, ela continuou a viajar de

Aventura no ministério

TEENIE FINLEY

Teenie Finley, esposa de Mark Finley, o qual é diretor do Instituto de Conquista de Almas da União do Lago, desempenha importante papel nesse ministério de preparo de obreiros. Embora seja mãe e dona-de-casa, grande parte de seu tempo é passado auxiliando seu esposo e toda a equipe evangelística. Seu marido declara: "Considero a contribuição de minha esposa como vital e essencial para o bom andamento e a dinâmica penetração de nosso programa." Os vislumbres revelados neste artigo darão orientação e incentivo para outras esposas de pastores no desempenho de suas tarefas na equipe ministerial composta do marido e da esposa.
— Marie Spangler.

— Por que você não sai hoje para fazer visitas com seu marido? Nós cuidaremos de seus filhos.

Essa agradável proposta foi feita por algumas das moças da equipe evangelística. Estávamos chegando ao fim de uma vibrante série de reuniões nas Filipinas, e eu almejava visitar alguns dos ouvintes em seus lares. Agora surgiu a oportunidade.

Aquela tarde visitamos uma senhora que assistira regularmente às reuniões e que quase aceitara a mensagem. Apelamos para que ela entregasse o coração totalmen-

te ao Senhor e fosse batizada, mas essa senhora expressou seus receios por intermédio do tradutor. Estava com medo dos muitos sacrifícios que teria de fazer e de que sua família a deserdasse e rejeitasse. Oramos com ela e saímos.

No sábado seguinte ela esteve na igreja. Ao concluir o sermão, meu marido fez um forte apelo. Enquanto a congregação cantou: "Tal Qual Estou", muitos atenderam ao chamado, mas ela hesitou. Eu estava em pé nos fundos da igreja e notei que essa senhora passava por uma verdadeira luta. Portanto, aproximei-me dela, passei o braço ao seu redor e disse: "Sei que o Senhor a ajudará a tomar a decisão correta." Ela olhou para mim e sorriu.

Depois que a congregação parou de cantar, percebi que ela deu uma volta pelos fundos e subiu ao lado do tanque batismal. Segui-a para ver o que estava fazendo. Examinou a situação, e então voltou, e perguntou para mim:

— Pretendem retornar em breve aos Estados Unidos?

Respondi:

— Sim, amanhã.

Ela disse:

— Tomei minha decisão. Serei batizada hoje.

Fiquei emocionada ao perceber que apenas a pequena solicitude de passar o braço ao seu redor e revelar-lhe que eu compreendi a situação foi uma das coisas que ajudaram a tomar aquela decisão.

Durante os últimos quinze anos tenho labutado junto com meu esposo numa equipe ministerial. Minha maior alegria no ministério provém de trabalhar com pessoas.

Há muitos indivíduos ao nosso redor que desejam conhecer a Cristo; mas, como tenho crianças pequenas, nem sempre posso deixá-las para dar estudos bíblicos. No entanto, ainda tenho a oportunidade de labutar de perto com essas pessoas nas reuniões públicas ou em meu lar.

Uma das maneiras pelas quais colaboro aqui no Instituto de Conquista de Almas da União do Lago é dando aulas de nutrição. Quando começamos este ministério, achei que este não era o meu setor. Meu preparo e minha formação tinham que ver com a educação elementar; as aulas de nutrição para a comunidade eram um setor de atividade inteiramente novo. Mas comecei a partilhar com outros o que sei a respeito de nutrição, bem como algumas das coisas que têm sido um sucesso em nosso próprio lar. Há grande interesse em nutrição hoje em dia, e essas aulas são uma prodigiosa ponte entre os programas de saúde e as reuniões evangelísticas.

Quem quer que tenha dado aulas de nutrição sabe que é trabalhoso e requer muita preparação. Desde a compra dos alimentos até à elaboração das amostras e ao arranjo das bandejas, a preparação é fenomenal. Lembro-me de ter pensado: "Será que isso é importante? Merece todo o tempo e esforço despendidos em sua realização?"

Quando procurávamos estabelecer uma nova igreja em Burbank, Illinois, mais de cem pessoas assistiram à nossa série sobre nutrição. Uma jovem senhora chamada Valéria Talbot veio todas as

noites. Durante a última sessão convidamos os presentes a frequentarem as reuniões evangelísticas. Valéria e seu marido Douglas assistiram todas as noites às preleções proféticas. Depois de comparecer à igreja todos os sábados, durante cerca de um ano, Douglas e Valéria foram batizados. Será que meu trabalho valeu a pena? É claro que sim!

Gosto de empenhar-me com diligência no evangelismo, especialmente na obra do Instituto. Como posso fazer isso com três filhos? Sempre tenho declarado que há duas coisas que não desejo sacrificar: meus filhos e meu marido e seu trabalho. Creio que podem ser combinados; mas, há certas condições que precisam ser cumpridas. Por exemplo, convém que eu esteja perto de nosso trabalho, a fim de labutar com meu marido; ao mesmo tempo, porém, meus filhos precisam ser envolvidos. Levamos nossos filhos aos cursos de arte culinária, e às vezes eles nos ajudam. Durante as reuniões evangelísticas organizo reuniões de crianças — tanto para os filhos das pessoas presentes como para os meus próprios filhos. (Todo o nosso programa é planejado como uma Escola Cristã de Férias.) Muitas vezes nossos filhos têm ajudado a colecionar e classificar materiais, trabalhando conosco em pesquisas e coleta de casa em casa, e cooperado na produção de fitas gravadas. É emocionante ver crianças fazendo parte da equipe ministerial. Penso que esta é uma das coisas que têm mantido nossa família unida.

Naturalmente, também há ocasiões em que fazemos algo com eles para satisfazer suas necessidades — levá-los a algum lugar a que desejam ir, realizar um piquenique familiar ou empenhar-nos nalguma atividade de que eles gostam. Queremos estar certos de que nossos filhos se acham envolvidos em tudo que fazemos.

Creio que Deus me concedeu o dom da hospitalidade, e durante todo o nosso ministério nosso lar sempre tem sido um ambiente acolhedor. Com efeito, durante onze dos treze anos em que estamos casados houve pessoas morando conosco, preparando-se para o evangelismo. Lembro-me de Brad Thorp, o qual morou em nossa casa por três anos e agora está na Colúmbia Britânica, com uma equipe de umas vinte pessoas que labutam diligentemente no evangelismo. Tony Moore e Helen Cooper, que agora são marido e esposa, co-

nheceram um ao outro em nossa equipe. Trabalham denodadamente no evangelismo e possuem uma equipe em seu lar. Mike e Penny Sczekan moraram em nossa casa e agora exercem um dinâmico ministério evangelístico em Chicago. Há muitos desafios relacionados com a permanência de pessoas em nosso lar, mas esses jovens empenhados no evangelismo superam consideravelmente os percalços.

Naturalmente, nem todas as esposas de pastores devem procurar fazer exatamente o que eu tenho feito — franqueando o meu lar e tendo às vezes oito ou dez pessoas morando conosco, participando em cursos de arte culinária, cuidando dos pormenores e das finanças de uma campanha e desempenhando atividades organizacionais para meu marido.

O Senhor concedeu a pessoas diferentes uma variedade de talentos e dons, e cada qual precisa saber especificamente quais são os seus dons. Algumas pessoas talvez tenham o dom musical. Podem cantar belamente ou tocar órgão ou piano e ser uma verdadeira bênção para o ministério de seu marido nesse aspecto. (Este não é o meu dom específico.) Outras esposas têm dons diferentes.

Todos podem praticar a hospitalidade de algum modo. Talvez não haja pessoas morando com vocês por longos períodos de tempo, mas podem colocar seu lar à disposição das necessidades dos outros. Uma tigela de sopa quente e a oportunidade de conversar numa cozinha aquecida podem suprir as necessidades de uma pessoa solitária.

A arremetida evangelística dos Mil Dias de Colheita começou há pouco tempo. Não há nada mais compensador do que participar da conquista de almas. Talvez sua parte não consista em dar estudos bíblicos, e, sim, na música evangelística, em fazer anotações, planejar reuniões de crianças, organizar a correspondência semanal, datilografar, ou numa porção de outras coisas. Creio que como esposas de pastores precisamos servir de olhos para nossos maridos. À medida que as pessoas comparecem às reuniões, podemos reconhecer algumas de suas necessidades e procurar supri-las.

Recentemente quatro missionários mórmons assistiram às nossas reuniões evangelísticas. Certa noite aproximei-me deles e disse: "Prazer em vê-los aqui hoje à noite. Tenho notado como têm vindo noite após noite, e gostaria de


conhecê-los um pouco melhor." À medida que fomos conversando, fiquei sabendo que esses rapazes estavam vivendo isolados e preparando suas próprias refeições. Perguntei-lhes se gostariam de vir almoçar em nossa casa. Passamos momentos agradáveis com eles, e vieram almoçar conosco em diversas ocasiões. As coisas se ajustaram de tal maneira que tínhamos um estudo bíblico com eles após a refeição. Esta alegria no ministério é difícil de ser substituída por alguma outra coisa.

Durante as cruzadas públicas tenho duas áreas de responsabilidade específicas. Uma é a reunião das crianças, que já mencionei. A outra é organizar os nomes, o que considero muito importante. Pode-se ter boas reuniões evangelísticas, com excelentes pregações, mas também é necessário saber quem está vindo às reuniões, porque a dinâmica das decisões ocorre no lar. Coloco, portanto, os nomes numa lista geral e os organizo para a nossa equipe, de modo que possam visitar essas pessoas. Isto é algo que posso fazer em casa, com as crianças.

Meu marido sente-se um pouco mais seguro por saber que sou eu quem organiza e supervisiona os nomes evangelísticos. Ele sabe que não haverá falta de interesse, nem desleixo no sentido de conseguir os nomes a tempo e elaborar a lista com todo o cuidado.

Como você, esposa de pastor, pode envolver-se diligentemente nos Mil Dias de Colheita? Em primeiro lugar, pode animar seu marido a empenhar-se com afinco na conquista de almas. Em vez de expressar o desejo de que ele permaneça mais tempo em casa, colabore com ele, envolvendo sua família como uma equipe evangelística.

Em segundo lugar, você possui dons e talentos especiais. Quer seja no âmbito musical, da hospitalidade, da saúde ou da organização, contribua com os seus talentos para um programa de conquista de almas mais eficaz.

Em terceiro lugar, ore para que Deus a ajude a encontrar alguma pessoa com a qual possa partilhar a mensagem de algum modo — quer seja por sua vida ou colocando o seu lar à disposição dessa pessoa e revelando que se importa com ela. Os Mil Dias de Colheita não são meramente um programa da Associação Geral ou um programa de seu marido. Constituem um apelo de Cristo a seu próprio coração. Aceite o desafio e desfrute uma aventura no ministério! 

Historiadores ou Apóstolos?

LENARD D. JAECKS

Secretário Executivo
da Associação de Washington

À medida que as pessoas vão envelhecendo, elas têm a tendência de viver no passado e de tomar decisões baseadas em experiências passadas. Anos atrás, como jovem obreiro, eu às vezes ficava um tanto desconcertado com essa maneira "histórica" de encarar a vida. Provavelmente também ficaria desconcertado se alguém parecesse jactar-se de um quarto de século de experiência. Agora que estou quase tanto tempo no ministério pastoral, tenho crescente respeito pela realidade da experiência, e a fim de enfrentar desafios procuro diligentemente o conselho de líderes de experiência. No entanto, ainda possui um conceito bastante seletivo de como a história deve ser usada e dos pontos sobre que convém alongar-nos.

Os obreiros cristãos geralmente parecem enquadrar-se em duas amplas categorias — os que encaram a experiência e as perspectivas históricas como degraus para uma obra evangélica mais eficaz, e os que em grande parte permanecem detidos na rotina de uma existência que é a mesma semana após semana. E já notastes que alguns que se demoram no passado parecem concentrar-se em tais coisas como as faltas dos irmãos na liderança; os constantes pecados dos membros da igreja; os hábitos rebeldes dos jovens; os programas da igreja que não surtem efeito?

É verdade que há ocasiões em que se pode tirar tal proveito cujo valor se assemelha ao de uma pérola identificando debilidades e avaliando programas. Esta não deve ser, porém, nossa principal atividade. Tenho a impressão de que devemos ser principalmente apóstolos com uma história que ilumina e ensina, em vez de enclausurarmos como ostras para relatar os pecados, os problemas e os fracassos dos outros.

Durante quase um quarto de século de atividade pastoral tenho labutado em associações com estilos de liderança muito diferentes.

Tenho visto programas aparecerem e desaparecerem. Tenho ouvido *slogans* e comprado manuais. Tenho assistido a congressos e participado de reuniões de obreiros. Tenho pastoreado igrejas grandes e pequenas. Tenho trabalho com orçamentos liberais, bem como com quantias escassas. Tenho tido membros de igreja muito diligentes, e outros não tanto assim. Quase todas estas experiências demonstraram ser alguma bênção — ou pelo menos constituíram um desafio para oração! Contudo, há um fio comum que se estende através de todas elas. Sem levar em conta as circunstâncias, os programas da igreja ou a ênfase da associação, o Senhor conduziu almas ao batismo quando estudos bíblicos pessoais e reuniões públicas eram uma parte prioritária do programa da igreja. Isto tem sido um denominador comum no decorrer de toda a história de meu ministério. E tenho notado que acontece a mesma coisa no ministério de outros.

Considerar o passado traz, porém, um aviso adicional ao meu coração, que aqueles que desejam ser apóstolos produtivos sob a grande comissão talvez julguem proveitoso. Podemos ser bastante positivos naquilo em que preferimos demorar-nos quanto ao passado. Também podemos ter toda a intenção (como a maioria dos obreiros) de ser diligentes em dar estudos bíblicos e realizar reuniões públicas. Entretanto, como é fácil ser completamente desviado do evangelismo direto para as "agradáveis veredas" de algum programa especializado de sementeira, de debates teológicos, de usurpação do papel de empreiteiro da construção do edifício da igreja ou de "saneamento" dos livros.

Essas funções podem desempenhar uma parte no espectro do ministério da igreja, mas a grande comissão de nosso Senhor Jesus Cristo ecoa novamente da história sagrada com as palavras: "Ide..., ensinai... batizai." Será que alguns de nós às vezes temos lavra-

do um novo terreno, quando os dedicados rebentos de cereais em germinação precisam ser cultivados? Continuamos a plantar enquanto o rubor do fruto maduro está precisamente diante de nós? Estamos construindo novos celeiros quando os grãos de trigo ainda não encheram os celeiros já existentes?

Reexaminemos, portanto, as nossas prioridades. Atuemos realmente como apóstolos chamados para transmitir uma mensagem que conduza freqüentemente ao tanque batismal. Não usemos o passado principalmente para reacender antigos debates ou para relatar as debilidades dos outros, e, sim, para ver mais claramente a direção de Deus em desafios futuros.

A prescrição para contentamento no ministério e elevado estado de ânimo em nosso trabalho é muito bem sintetizada nestas palavras: "Se vos puserdes a trabalhar como Cristo determina que Seus discípulos o façam, e conquistardes almas para Ele, sentireis a necessidade de uma experiência mais profunda e um maior conhecimento das coisas divinas, e tereis fome e sede de justiça. Instareis com Deus, e vossa fé se fortalecerá e vossa alma beberá a mais largos sorvos da fonte da salvação. As oposições e provações que encontrardes vos impelirão para a Bíblia e para a oração. Crescereis na graça e no conhecimento de Cristo e desenvolvereis uma rica experiência.

"O espírito de abnegado amor pelos outros proporciona ao caráter profundidade, estabilidade e formosura cristã, e traz paz e felicidade ao seu possuidor. As aspirações são enobrecidas.

"Não haverá lugar para a preguiça ou egoísmo. Os que desse modo exercitarem as graças cristãs hão de crescer e tornar-se fortes para o trabalho de Deus. Terão claras percepções espirituais, fé constante e crescente, e maior poder na oração." — Ellen G. White, *Caminho Para Cristo*, pág. 68. ■

A responsabilidade do pastor e a mordomia dos bens

GORDON A. LEE
Diretor de Mordomia
da Divisão Australasiana

Freqüentemente é feita a pergunta: "É correto que o pastor da igreja saiba quais são os membros que devolvem fielmente seus dízimos ao Senhor e quais são os que não o fazem?" Não seria melhor que o pastor da igreja não subesse isso, de maneira que quando pregasse sobre a mordomia dos bens ou das posses, não pudesse ser acusado de fazer um libelo ou ter como alvo a alguém em particular? Neste artigo faremos alusão ao que acaba de ser mencionado e descobriremos a solene responsabilidade que recai sobre o pastor da igreja.

Nos tempos do Antigo Testamento foi necessário que em muitas ocasiões o Senhor suscitasse um mensageiro especial para conduzir a Israel nos princípios da fiel mordomia, devido à negligência por parte do ministro. Um deles foi



Case/ Werner

Malaquias, ao qual Deus concedeu uma mensagem de reforma.

As palavras registradas em Isaías 58:1 nos mostram a solene responsabilidade do ministério através dos tempos: "Clama a plenos pulmões, não te detenhas, ergue a tua voz como a trombeta, e anuncia ao Meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacó os seus pecados."

Ellen G. White fala das "trevas" trazidas às igrejas como conse-

qüência da fraqueza ou debilidade da instrução dos pastores.

"Alguns deixam de educar o povo a cumprir com todo o seu dever. Pregam a parte de nossa fé que não cria oposição ou desagradam aos ouvintes, mas não declaram toda a verdade. O povo aprecia-lhes a pregação, mas há falta de espiritualidade porque os reclamos do Senhor não são atendidos. Seu povo não Lhe dá em dízimos e ofertas o que Lhe pertence. Esse

roubo a Deus, praticado tanto pelos ricos como pelos pobres, traz trevas às igrejas; e o ministro que com elas trabalha, e não lhes mostra a vontade de Deus claramente revelada, é condenado com o povo, por negligenciar seu dever." — *Conselhos Sobre Mordomia*, pág. 87.

"Há grande necessidade de instruções relativamente a obrigações e deveres para com Deus, especialmente no que respeita ao pagamento honesto do dízimo. Nossos ministros sentir-se-iam grandemente entristecidos se não fossem prontamente pagos por seu trabalho; mas consideram eles que deve haver alimento no tesouro de Deus, com que se sustentem os obreiros? Se eles deixam de cumprir todo o seu dever em educar o povo a ser fiel no pagar a Deus o que Lhe pertence, haverá falta de meios no tesouro para levar avante a obra do Senhor." — *Idem*, pág. 104.

"O superintendente do rebanho de Deus deve-se desempenhar fielmente de seu dever. Se, porque isso lhe é desagradável, ele toma a atitude de deixar que qualquer outro o faça, não é um obreiro fiel. Leia ele as palavras do Senhor em Malaquias, acusando o povo de roubo para com Ele por isso que retém os dízimos. O poderoso Deus declara: 'Com maldição sois amaldiçoados.' Mal. 3:9. Quando aquele que ministra por palavra e doutrina, vê o povo seguindo um caminho que trará sobre si essa maldição, como pode negligenciar seu dever de dar instruções e advertências? Todo membro de igreja deve ser ensinado a ser fiel em pagar um dízimo honesto." — *Ibidem*.

Notemos agora a declaração da serva do Senhor na página 105 do livro *Conselhos Sobre Mordomia*:

"É uma parte da obra do ministro ensinar os que aceitam a verdade mediante seus esforços, a trazerem os dízimos ao tesouro, como testemunho de que reconhecem sua dependência de Deus. Os recém-conversos devem ser plenamente esclarecidos com relação ao seu dever de devolver ao Senhor o que Lhe pertence. O mandamento de pagar o dízimo é tão claro, que não há sombra de desculpa para desatendê-lo. Aquele que negligencia dar instruções a esse respeito, deixa por fazer uma parte importantíssima de sua obra."

Cada ano é acrescentado à Igreja um bom número de membros novos, os quais não foram devida-

"É correto que o pastor da igreja saiba quais são os membros que devolvem fielmente seus dízimos ao Senhor e quais são os que não o fazem?"

mente instruídos no princípio de devolver seu dízimo fiel e suas ofertas, e portanto não foram provados em sua fidelidade a estes princípios antes de ser batizados. Deveríamos arriscar-nos a batizar alguém que não tenha tomado uma decisão definida para guardar o sétimo dia — o sábado — e que não tenha dado evidências de sua convicção? Então, como podemos batizar a uma pessoa que não tenha sido instruída e que não tenha dado provas da convicção dos reclamos de Deus acerca de nossos dízimos e ofertas? Uma doutrina é a mordomia de nosso tempo e outra a mordomia de nossas posses. Ambas foram instituídas na Criação, no Jardim do Éden. Ambas se acham ligadas ao homem através de todas as épocas.

"Nomeie a igreja pastores ou anciãos que sejam dedicados ao Senhor Jesus, e cuidem esses homens de que se escolham oficiais que se encarreguem fielmente do trabalho de recolher o dízimo. Se os pastores não se demonstrarem aptos para o cargo, se deixarem de apresentar à igreja a importância de devolver ao Senhor o que Lhe pertence, se não cuidarem de que os oficiais que estão sob suas ordens sejam fiéis, e que o dízimo seja trazido, estão em perigo. Estão negligenciando uma questão que envolve uma bênção ou maldição para a igreja. Devem ser alijados de sua responsabilidade, e outros homens devem ser experimentados e provados." — *Conselhos Sobre Mordomia*, pág. 106.

Se um pastor não se preocupa em descobrir quais são os membros de sua igreja que, devido a algumas debilidades espirituais, ne-

gligenciam a devolução de um dízimo fiel, como pode assegurar-se de que não seja escolhido como um dos oficiais da igreja nenhum membro que não é fiel nesse aspecto? O *Manual da Igreja* torna claro que as pessoas nomeadas como oficiais da igreja devem ser "membros fiéis e leais" (Página 157).

"Ninguém que se não conforme com esta norma da igreja deve ser mantido no seu cargo, seja como oficial da igreja local ou como obreiro da organização." — *Manual da Igreja*, pág. 165. O pastor tem a solene responsabilidade de certificar-se de que tais normas sejam conhecidas e praticadas por sua congregação.

Certa ocasião um tesoureiro de igreja recusou cooperar com o pastor e com o primeiro ancião dessa igreja no sentido de revelar os membros que não eram fiéis. Ele declarou que as informações de que era responsável tinham um caráter estritamente confidencial. Isso é verdade, e um tesoureiro assim devia ser elogiado. No entanto, ele estava levando sua responsabilidade longe demais, pois o *Manual da Igreja* declara o seguinte: "O tesoureiro... deve ser cuidadoso em não fazer jamais comentários quanto ao dízimo pago por algum membro, nem sobre as entradas ou outra coisa que com isto se relacione, exceto com os que com ele partilham da responsabilidade da obra." — Página 88.

O tesoureiro da igreja local pode ser uma fortaleza ao ajudar membros débeis do rebanho a alcançar maior experiência de fidelidade.

"O tesoureiro pode estimular grandemente a fidelidade na devolução do dízimo e aprofundar o espírito de liberalidade da parte dos membros da igreja. Uma palavra de conselho dada no espírito do Mestre ajudará o irmão ou a irmã a entregar a Deus com fidelidade o que Lhe pertence em matéria de dízimos e ofertas, mesmo em tempos de dificuldade financeira." — *Manual da Igreja*, pág. 83.

Creio que os pastores, anciãos e tesoureiros de igreja têm o dever de cooperar juntos na orientação de cada membro de igreja, de modo que alcancem tal relação espiritual com seu Senhor e se tornem fiéis mordomos de Seus bens. O "desagrado" de Deus não recairá então sobre o Seu povo. As "trevas" não poderão entrar na igreja. A "espiritualidade atrofiada" se tornará vigorosa para a Causa de Deus. **■**

Coisas que meu pastor nunca me disse

DAVI M. RITTER

Ele apresentou o assunto com todo o tato que um pastor deve ter ao debater uma questão sensível, mas a mensagem se evidenciou de modo enfático e claro: você não tem sido fiel em devolver o dízimo desde que foi batizado.

— O que o senhor quer dizer? — perguntei defensivamente. — Tenho entregue mais de dez por cento, desde antes de haver sido batizado.

— Bom, Davi, o caso pode facilmente ser esse, e, por favor, não tenha a impressão de que eu o estou acusando de ser mentiroso, mas o tesoureiro da igreja não relatou que recebeu alguma importância do irmão.

Ninguém me dissera que o tesoureiro da igreja fazia anotações sobre cada membro, e não podia imaginar que ele enviava cópias para o pregador.

— Não especifico os pormenores quando faço a declaração de renda, portanto não preciso de recibo — repliquei. — Simplesmente dou o meu dízimo em dinheiro todo domingo, ou melhor, todo sábado.

Então ele me disse que meu dinheiro, não sendo colocado num envelope, era incluído nos fundos para a caixa da igreja ou em várias outras ofertas. Ninguém me dissera isso antes.

— Isto realmente faz alguma diferença? — perguntei. — O Senhor sabe que estou devolvendo o dízimo.

De fato era assim, mas a associação e o tesoureiro da associação não o sabiam.

Então houve o caso da minha noiva. Estávamos noivos, mas ainda faltavam dez meses para o casamento quando ela compareceu

pela primeira vez à minha igreja. Por coincidência, era um sábado em que haveria Santa Ceia. Antes disso, nem eu nem ela havíamos tomado parte na cerimônia do lavapés. A seguir, quando nos encontramos para participar do pão e do suco de uva, pude notar que alguma coisa não ia bem. Após a cerimônia, minha noiva explicou o que era.

— Aquela senhora idosa com um vestido estampado convidou-me a ser seu par. Quando me lavava os pés, ela viu meu anel de noivado. Perguntou o que era, e eu lhe disse. Então ela afirmou que os adventistas não adotam o uso de anéis de casamento (alianças) nem de qualquer outro tipo de jóias. Isso não é verdade, não é mesmo?

Ninguém me dissera isso antes.

Fiz uma pergunta para o pastor a esse respeito na próxima vez em que nos reunimos para o nosso estudo bíblico. Eu seria batizado dentro de duas semanas.

— Eu havia planejado que estudássemos isso — disse ele. — É verdade que achamos que a Bíblia recomenda que devemos abster-nos do uso de ornamentos exteriores.

E então ele me mostrou as passagens que serviam de prova.

— E o meu anel de formatura? — indaguei.

Esse anel era a coisa mais apreciada que eu possuía. Eu era o primeiro membro de minha família a ir para a faculdade, quanto mais a formar-se! Trabalhara além do horário normal a fim de conseguir o dinheiro suficiente para comprar o anel.

— E isto aqui? — perguntei ao puxar para fora de minha camisa



Casa / Echo

de colarinho aberto uma pequena cruz de ouro.

— Comprei esta pequena cruz um dia depois que me tornei cristão, e eu a tenho usado todos os dias desde então. Ela me ajuda a lembrar que sou cristão.

— Desculpe-me, Davi, mas não poderei batizá-lo se você insistir em usar esse anel e esse seu colar.

E faltavam apenas duas semanas para a data em que eu seria batizado! Ele não me dissera isso antes.

Assim fui batizado. Minha noiva se achava presente.

Pretendíamos casar-nos na capela do colégio em que nos encontramos pela primeira vez, e embora houvésemos decidido onde e quando, ainda não tínhamos escolhido o oficiante.

— Esse pregador em minha nova igreja parece ser uma excelente pessoa. Vamos convidá-lo a realizar o casamento.

Percebi que havia algo de errado no próprio momento em que lhe fiz o convite. Pela sua expressão fisionômica talvez houvéseis deduzido que eu lhe pedira que assassinasse a mãe. Foram necessárias diversas frases complicadas para que ele o dissesse, mas finalmente peguei o que esse homem queria dizer: Não!

— Por que não?

— Bom, nós adventistas do sétimo dia cremos no casamento cristão.

— Ela é mais cristã do que eu! — repliquei.

— Isso pode ser verdade, mas ela não é adventista.

— Um momento! Será que ouvi corretamente o que o senhor disse? Quer dizer que não realizará o

nosso casamento porque ela não é adventista do sétimo dia?

Eu não podia acreditar. Mas desta vez ele explicou melhor a questão.

— Por que o senhor não me disse isso antes de batizar-me? Sabia o que ela era, e também que estávamos noivos!

Não recordo qual foi a sua resposta. Só me lembro de que estava bastante deprimido ao ir para casa. Não trabalhei no dia seguinte; avisei que estava doente. E realmente era assim.

— Você deve estar brincando — disse minha noiva quando criei suficiente coragem para contar-lhe o que ocorrera. — Pensei que só os menonistas acreditassem nisso!

— Os mórmons também — disse eu. — Não esqueça os mórmons.

Decorreram vários dias até que eu tornasse a falar com o pastor.

— Que acontecerá — perguntei — se levarmos avante os nossos planos e nos casarmos? Quero dizer, pedirmos que o pregador dela realize o casamento? Serei eliminado da comunhão da igreja?

Eliminado da comunhão da igreja! Havíamos estudado isso. Como as pessoas podem ser excluídas da igreja se estiverem bebendo, usando tóxicos, tendo relações extracônjugais, trabalhando no sábado, etc.

— Não, você não será excluído se casar fora da fé (respirei mais aliviado), mas (eu sabia que haveria um "mas") se casar com ela, os irmãos não verão isso com bons olhos.

A essa altura, minha noiva estava tendo uma atitude muito negativa para com esta igreja estranha com a qual eu me envolvi, mas ain-

da me acompanhou a uma reunião campal, e assistiu à maioria dos cultos realizados naquela semana. Também conversou com vários pastores adventistas, mas quando chegou o momento de tomar uma decisão, achou que eu e o Senhor estávamos pedindo demais.

Rompi o noivado.

Tanto a família dela como a minha ficaram muito indignadas contra mim por causa de toda a situação, mas minha nova igreja não se fez de rogado. Eles me dispensaram seu amor enquanto eu superava a dificuldade. Tive diversas avós adotivas, como eu costumava chamá-las — queridas irmãs da igreja — que pareciam estar convencidas de que a melhor maneira de olvidar um amor perdido é tornar-se novamente parte de uma família. Não houve um sábado, durante alguns meses depois disso, no qual eu não fosse convidado para almoçar.

Eu cria sinceramente — nos dois primeiros anos depois que me uni à igreja — que todos os adventistas pelo menos estavam se aproximando da perfeição cristã e que mais da metade deles se achavam quase preparados para a translação.

Despertei de minha ditosa ignorância quando me mudei para uma grande "colônia" (expressão de Ellen White) de adventistas, a centenas de quilômetros de distância.

Comecei imediatamente a visitar cada uma das diversas igrejas adventistas, a fim de resolver para qual delas eu pediria a minha transferência. A primeira estava envolvida numa luta para "expulsar o patife" que era o seu pastor. Essa igreja se polarizara em duas facções hostis. Noutra senti-me inundado de símbolos de visível riqueza — nome registrado, roupas muito elegantes, relógios de centenas de dólares, jóias, automóveis de luxo e... ah! sim — a praça de estacionamento. Qualquer negociante de automóveis teria invejado a coleção disponível aos sábados de manhã. Os novos eram deveras evidentes porque seus proprietários pareciam ter olvidado de remover a etiqueta do preço, da janela lateral.

Kahlil Gibran disse certa vez que só há dor quando alguém ou alguma coisa que amamos trai esse amor. Eu estava sendo afligido por uma dor dessa natureza.

Foram os adolescentes adventistas que realmente agitaram o meu íntimo. O vestuário extravagante só era a ponta de seu iceberg. Procurei envolver-me no grupo de jo-

vens patrocinado por uma das igrejas, e que se reunia às sextas-feiras à noite, mas nunca vi tanta apatia espiritual como a deles — nem mesmo na igreja “mundana” da qual eu tinha saído. Os poucos jovens que assistiam às reuniões sempre pareciam chegar tarde. Alguns permaneciam sentados em seus automóveis antes de entrar. Outros entravam com os olhos vidrados e estranhamente alheios a tudo.

Havia alguns com os quais a gente podia falar, alguns que se abriam se a gente estivesse disposto a ouvir. Do que eles me disseram — e tinha-se de ouvi-los com um terceiro ouvido porque a mensagem de suas palavras era muito maior do que o seu valor superficial — creio realmente que muitos jovens adventistas estão procurando encontrar a Deus — procurando realmente, mas as suas derrotas superam consideravelmente suas vitórias no ambiente em que vivem.

“Fiz tudo que sei fazer”, disse um deles. “Orei um milhão de vezes, mas nada aconteceu. Leio a Bíblia, e quase morro de enfado. Tenho perguntado a todos aqueles que parecem ter verdadeira conexão com Jesus como também posso encontrá-Lo, porém só ouço palavras vazias que já ouvi centenas de vezes antes. Há um limite para o tempo em que pretendo continuar procurando. Penso que quase atingi esse limite.”

“Ninguém em minha igreja conhece a Deus”, disse outro. “Todo sábado há a mesma formalidade quando entram desfilando para mostrar uns aos outros quão santos eles são.”

Há uma porção de coisas acerca dos adventistas do sétimo dia que ninguém me disse. Há dias em que realmente fico desalentado, mas eu sei que não sou o único a experimentar isso. Como disse alguém, “Deus, que é o mais livre de todos os seres no Universo, suporta a maior dor.” Mas há um outro lado da moeda, chamado desânimo. Tenho verificado que ele só pode ser vencido pela comunhão com Cristo. O desânimo exerce um de dois efeitos sobre o cristão: ou o impele para fora do Corpo de Cristo, ou o impele a colocar-se de joelhos.

Oh, adventistas! Quantas vezes Deus nos quis reunir debaixo de Suas asas como a galinha ajunta os seus pintinhos, mas não o quisemos! Nós, que nos consideramos ricos e abastados, não sentimos necessidade dEle.

Ninguém me disse isso também.

Bons casamentos não acontecem por acaso

RON FLOWERS

Diretor Associado do Serviço Lar e Família da Associação Geral dos ASD

Se você é o tipo de pastor que tem estado em determinada igreja durante alguns anos, estará vendo alguns jovens casais, cuja cerimônia matrimonial você realizou anos atrás, começando agora a dar mostra de dificuldades conjugais. Os tentáculos do divórcio provavelmente se estenderam mais de uma ou duas vezes até os bancos de sua igreja para agarrar e separar casais que você nunca considerou suscetíveis. Em tais situações, você sente-se ao mesmo tempo pesaroso e incapaz, perguntando a si mesmo: “Que realmente posso fazer?”

Em primeiro lugar, pode determinar que todo par que pretende unir-se em matrimônio tenha o benefício de alguma espécie de programa preparatório. No período pré-nupcial, bem como nos primeiros meses da vida de casado, estão sendo lançados os fundamentos da relação matrimonial. Um programa pré-nupcial bem elaborado pode ser muito útil para dar correto início aos anos da vida conjugal.

Os pastores e conselheiros que procuram estabelecer programas de orientação para o casamento têm de enfrentar, porém, diversas

dificuldades. Os jovens prestes a casar-se tendem a encontrar-se num estado de “euforia” — achando-se emocionalmente desligados da realidade e não sendo muito propensos a aprender. Numerosas pessoas atravessam a adolescência com a sensação de estarem realizadas, podendo portanto resolver competentemente qualquer situação que venha a surgir. O conceito romântico do amor e do casamento freqüentemente impede o casal de debater questões mais profundas. Eles crêem que os problemas que terão de enfrentar mais tarde (ou mesmo antes do casamento) certamente serão afastados por seu amor. Na realidade, muitos não querem confrontar-se com alguma coisa que possa prejudicar ou ameaçar sua amizade e seu futuro casamento.

Além disso, os noivos não são propensos a recorrer à igreja ou ao ministério para essa espécie de preparação. Os pastores queixam-se freqüentemente de que “os noivos só nos procuram quando queremos que realizemos o seu casamento”. Muitos casais simplesmente não esperam ou não admitem qualquer sugestão de seu pas-



Casa/ Erló

tor acerca de sua relação matrimonial. Só pensam na igreja como o lugar em que se realizará a cerimônia, e no pastor como aquele que de algum modo, nesse momento, apõe o selo da aprovação de Deus. Nalguns casos, pode ser que o casal esteja disposto a receber semelhante ajuda, mas não do pastor, pois acham que não podem confiar-lhe essas questões íntimas. A razão mais provável é que os pastores, em geral, não vêem a importância de a igreja envolver-se mais de perto na vida familiar de seu povo. Por conseguinte, não nos preparamos para isso nem cultivamos uma atitude de aceitação e de apreço por esse tipo de ministério em nossas congregações.

Alguns pastores sobrecarregados têm procurado dar orientações matrimoniais, mas desistem ao encontrar tais obstáculos. Os resultados, mesmo quando eles conseguem que os noivos se assentem para algum aconselhamento pré-nupcial, não parecem ser muito compensadores. O futuro, entretanto, é promissor, pois pesquisas atuais e crescente número de evidências estão provendo valiosas informações sobre tentativas de aproximação que são eficazes. Além disso, está surgindo um quadro mais nítido da situação matrimonial, e, conseqüentemente, a espécie de ministério de que os noivos necessitam está se tornando mais evidente.

Por que a Preparação Para o Casamento é Necessária?

O casamento é um ponto de transição. Está sendo dedicado muito estudo às etapas da vida e aos pontos de transição que os indivíduos encontram no decorrer da existência. Os que analisam esses ciclos da vida têm identificado algumas crises latentes e previsíveis que podem ocorrer, e que freqüentemente acabam ocorrendo. Casar-se constitui um desses pontos de transição. Nosso ministério é deveras eficaz para os casais quando chamamos sua atenção para as novas experiências em sua vida que estão prestes a enfrentar. Um programa de preparação para o casamento proporciona excelente oportunidade para fazer isso.

O casamento está-se modificando. Os casais que se unem em matrimônio hoje em dia têm expectativas muito diferentes a seu respeito do que era o caso no passado. O casamento está sofrendo uma alteração do estilo tradicio-

nal caracterizado por uma função estrutural definida, autoritária e hierárquica, com deveres e obrigações específicas, para o que é conhecido como casamento de companheirismo, o qual é mais igualitário, democrático e flexível em sua função estrutural. Ao passo que as pressões sociais exteriores eram um forte fator para manter unido o casamento tradicional, o modelo do companheirismo depende muito mais de amor e afeição, comunicação íntima e mútuo interesse pela harmonia. A dedicação é encarada de modo diferente — pois está mais voltada para o outro indivíduo do que para a própria instituição do matrimônio. Em suma, as pessoas não se casam para "se acomodarem", mas para se empenharem, durante a vida toda, em alcançar uma relação mutuamente harmoniosa. A preparação para o casamento confere aos noivos a oportunidade, num período isento de problemas, de considerarem cuidadosamente o modelo a ser adotado em seu matrimônio.

O casamento requer habilidades. Aprender a ser um bom marido ou uma boa esposa e como conduzir uma relação tão íntima como o matrimônio requer habilidades no âmbito do que se chama competência interpessoal. São habilidades especiais para ter crescimento relacional, em profunda comunicação e solução de conflitos. Elas são muito mais necessárias no casamento contemporâneo do que em tempos anteriores. E não ocorrem naturalmente: precisam ser aprendidas. Se os casais não as adquiriram antes do noivado, convém que tenham pelo menos a oportunidade de tomar conhecimento delas e de desenvolver tanta proficiência quanto for possível antes do casamento.

O casamento cristão está declinando. Em numerosas mentes, o cristianismo está relacionado com o modelo de casamento tradicional e hierárquico. Por isso, com as modificações nos padrões matrimoniais, os casais contemporâneos não procuram com facilidade a igreja em busca de orientação e autenticidade para seu casamento. O desafio para a igreja é demonstrar que os conceitos bíblicos do matrimônio como concerto, uma só carne, submissão mútua, supremacia de servo, amor incondicional, dons espirituais na família, perdão e reconciliação, não são antiquados e obsoletos, mas constituem, na realidade, autênticas chaves para um casamento bem sucedido e duradouro. Para



Casal Otto

que o matrimônio mantenha seus característicos cristãos distintos, nós na igreja precisamos esforçarmos para dar expressão contemporânea a esses princípios evangélicos, ajudar os casais a compreender seu significado e dar instruções práticas sobre como podem ser integrados em sua vida pessoal.

Experiências no âmbito da preparação pré-nupcial e pesquisas efetuadas nas últimas décadas nos ajudam a compreender que o sistema seguido na obra pré-nupcial tem muito que ver com o êxito que iremos ter. Davi Mace delinea três tentativas básicas para empreender essa tarefa.² Com a primeira delas, relacionada com "os fatos da vida", todos estamos familiarizados. Nela supõe-se que a principal necessidade do casal é de informações e fatos sobre os diversos aspectos da vida conjugal, e que a melhor maneira de comunicá-los é por meio de sessões de aconselhamento e transmissão de informações, de um tipo ou outro. Geralmente ocorrem só com a presença do pastor e do casal.

Esse foi o procedimento-padrão que segui no começo do meu ministério. Não tendo recebido nenhum preparo neste setor e não dispondo de um modelo para ser seguido, eu dedicava cerca de duas horas a cada casal, mais ou menos uma semana antes do casamento, planejando os pormenores da cerimônia e então, no tempo restante, partilhando minha filosofia e meus conceitos sobre tais coisas como o culto familiar, a relação do casal para com a igreja, as finanças e os parentes afins. Eu não tinha muita coisa a dizer sobre o amplo assun-

to da comunicação; evitava intencionalmente falar sobre conflitos (e sobre tudo aquilo que pudesse causar um conflito entre eles em minha própria presença) e esperava que não tocassem no assunto do sexo!

Nessas ocasiões, quando um pastor conseguia reunir mais de um casal, com frequência era usada uma versão mais sofisticada do sistema de "um para dois" — a série de preleções pré-nupciais. Quanto a isso, Davi H. Olson, professor de Ciência Social da Família na Universidade de Minnesota, declara que as preleções, embora bem apresentadas, produziam pouco resultado sob o aspecto de mudanças de atitude. Outro ponto negativo desse estilo é que os casais freqüentemente são repelidos, e não excitados, pela necessidade e importância de futuro enriquecimento e aconselhamento matrimonial.³

Outros, escreve Mace, realizam *aconselhamento pré-nupcial*, procurando resolver com o casal dificuldades específicas em seu relacionamento, para as quais pediriam ajuda. Embora esse vocabulário tenha sido usado para todas as tentativas, em rigor ele denota a necessidade de alguma espécie de terapia ou semiterapia para corrigir as atitudes e o pensamento do casal. Como tal, encerra certo estigma que repele muitos casais, em vez de animá-los a se empenharem na preparação pré-nupcial.

A terceira tentativa sugerida por Mace (e a que ele considera mais eficaz) consiste em ajudar o casal a fazer cuidadosa avaliação de si mesmos, um do outro e de seu relacionamento. Alguns aspectos educacionais podem aumentar isso, suscitando assim algum aconselhamento, mas a obra central é o descobrimento de si mesmos pelo casal. Essa maneira de lidar com o casal se baseia em sua costumeira boa vontade para investir na compreensão e no aprimoramento da relação que agora estão desfrutando, cujos dividendos eles levarão consigo para o casamento. Pode ser efetuada de tal maneira que os casais, que tantas vezes resistem a qualquer espécie de sugestão durante o período que antecede o casamento, descubram por si mesmos certos aspectos em que são ignorantes e inexperientes ou têm necessidade de orientação e conselho. Podem ser estimulados a considerar os aspectos mais profundos de sua relação e desenvolver um desejo de conhecimento e

de habilidades que satisfaça suas necessidades.

Felizmente, há agora bons livros, cassetes, obras especializadas e outros materiais de que o pastor local pode lançar mão para conduzir um casal a essa espécie de exploração pré-nupcial. Entre esses recursos há diversos e bons inventários que conduzem um casal à avaliação de si mesmos, um do outro e de seu relacionamento. Embora os inventários difiram em seu estilo e amplitude, o formato básico é um questionário que pode usar uma variedade de métodos de resposta (breves respostas escritas, escolhas múltiplas, concordar/discordar, classificação) para uma série de perguntas e/ou declarações. Os assuntos geralmente abrangem o conceito de si mesmo, o amor, a comunicação, as expectativas religiosas, o sexo, as finanças, os parentes afins, a ira e os conflitos, o planejamento familiar, os valores e os alvos. O inventário pode ser usado sem ajuda ou em sessões com um pastor/conselheiro. Tal instrumento freqüentemente abre o caminho para importante revelação pessoal da parte do noivo e da noiva e conduz a um aprofundamento (ou, nalguns casos, à terminação) de sua relação.

Os noivos também manifestam a disposição de aprender dos que se encontram na mesma condição que eles. Conseqüentemente, as oportunidades para reunir-se com outros casais, num grupo, são úteis. Mace, Olson e outros também relatam que os noivos podem ser adestrados em habilidades de comunicação, solução de problemas e resolução de conflitos, e os resultados desse preparo são transportados para o casamento.⁴ Semelhante programa inovador é promovido por Ed Bader (professor assistente de Medicina da Família e da Comunidade na Universidade de Toronto) e seus colegas. Seu curso "Aprendendo a Viver Juntos" aproveita o fato de que os recém-casados são mais impressionáveis e dóceis do que os noivos. Bader divide o programa em duas partes — a primeira parte (abrangendo a comunicação, os antecedentes familiares, as finanças e a sexualidade) é ministrada antes do casamento; a última parte (troca de atribuições no casamento, resolução de conflitos, estabelecimento de melhor relação) é efetuada seis meses a um ano depois do casamento. O sistema consiste de considerações em pequenos grupos, baseadas em vídeo-teipes.



Case/Erló

Que pode ser feito para interessar os casais e para elevar a preparação pré-nupcial, tornando-a um item prioritário? Os pastores podem estabelecer um clima mais receptivo na igreja por meio de pregações, visitação e conversações informais. Podem incentivar a orientação pré-nupcial em classes de jovens. Até mesmo nas classes das crianças pode ser realizado algo positivo, a fim de ajudar a preparar o terreno para preparação adicional na adolescência. É mister realizar muito mais nos lares dos próprios jovens; talvez os pais necessitem de aulas sobre como preparar seus filhos e filhas para o casamento. Pastores sobrecarregados com trabalhos podem utilizar os dons espirituais e o preparo profissional de membros na igreja que podem assumir a liderança da preparação matrimonial dos noivos. Pastores com os quais tenho conversado também sentiam necessidade de ter um relacionamento mais chegado com os adolescentes e os jovens adultos de suas congregações, de modo que quando esses rapazes e moças pensarem em casar-se, manifestem a tendência natural de procurar a orientação do pastor.

Tudo isso denota que o pastor pode moldar a atitude de sua congregação, envolvendo-a não somente para a preparação pré-nupcial, mas também para toda a questão das relações na família, bem como na igreja. Ele é cordial e amistoso? É uma pessoa íntima à qual se pode confiar as delicadas questões da alma — suas felicidades e alegrias, bem como suas dúvidas, conflitos e, talvez, emoções negati-

vas? Quanto as pessoas acham que podem confiar nele influirá diretamente sobre a sua determinação de consultá-lo acerca de tais coisas como a orientação e a preparação pré-nupcial, ou sobre se irão seguir sua liderança no desenvolvimento e na manutenção das relações em seus lares e em sua vida matrimonial.

O pastor que pode ser vulnerável tem boas possibilidades para conduzir os noivos à espécie de experiências necessárias para lançá-los ao casamento, de uma sólida plataforma. Por sua disposição para ser comunicativo, para amar e aceitar incondicionalmente, o pastor dá certa permissão para o casal fazer o mesmo um com o outro. Havendo criado semelhante clima para o casal, antes do casamento, o pastor prepara o caminho para uma relação de confiança entre o casal e a igreja, a qual será de inestimável valor para sustê-los o casamento nos dias futuros. ■■

Bibliografia

1. Davi Mace, *Getting Ready for Marriage* (Nashville, Tenn., Abingdon Press, 1972), pág. 7.
2. *Idem*, págs. 9 e 10.
3. Davi H. Olson, *How Effective is Marriage Preparation?*, págs. 5 e 6. Dissertação apresentada na Conferência Para o Bem-Estar da Família, Milwaukee, Wisconsin, em 18 de outubro de 1981.
4. Davi Mace, "The Critical First Year", *Marriage Enrichment — The Newsletter of the Association of Couples for Marriage Enrichment* (Winston-Salem, Carolina do Norte), novembro-dezembro de 1978; e Olson, *op. cit.*, pág. 7.
5. Edward Bader, Robert Riddle e Carole Sinclair, *Do Marriage Preparation Programs Really Help? A Five-Year Study*. Relatório não publicado, mas apresentado na reunião anual do Concílio Nacional Sobre Relações Familiares, Milwaukee, Wisconsin, 16 de outubro de 1981.

Você é o que você pensa

NORMAN L. MITCHELL

Professor associado de Biologia
na Universidade de Loma Linda, Califórnia

O dramático efeito da mente sobre o bem-estar físico foi reconhecido há séculos, tanto por médicos clínicos como por pessoas não profissionais, a despeito da falta de explicações específicas. "O coração alegre é bom remédio" (Prov. 17:22), disse Salomão há uns três milênios. A validade científica desse truismo tem sido confirmada pela tecnologia médica da atualidade.

O demonstrável controle mental dos processos "involuntários" do corpo remonta a muitos séculos. Os praticantes de zen e ioga podem controlar a velocidade cardíaca, modificar a temperatura em determinadas regiões do corpo e controlar diversas outras funções fisiológicas normalmente consideradas como estando fora do âmbito da vontade consciente. Dançadores primitivos andam descalços sobre brasas vivas, para assombro dos espectadores. A maioria das dúvidas quanto a esses fenômenos foram agora removidas pelo desenvolvimento da atualmente popular ciência chamada em inglês *Biofeedback*. Desde 1968, quando Joe Kamiya publicou pela primeira vez suas descobertas de que as pessoas podem controlar suas próprias ondas cerebrais, essa ciência sofreu muito aprimoramento. Pelo uso de tais aparelhos de registro como o eletroencefalógrafo (EEG), as pessoas podem agora ser ensinadas a observar as chamadas ondas alfa do cérebro e aprender assim a relaxar-se, a vencer o medo, a controlar as secreções de hormônios e, de acordo com alguns pesquisadores, até a curar enxaquecas, insônia e certas doenças.¹

Uma experiência realizada pelo pesquisador do cérebro Paul Pietsch, em 1972, demonstrou dramaticamente o fato de que as atividades do corpo estão sob o controle direto do cérebro. Pietsch removeu o cérebro de uma salamandra — um animal que normalmente se alimenta de vermes e outros animais invertebrados — e



Casa

"Muito íntima é a relação que existe entre a mente e o corpo..."

transplantou em seu lugar o cérebro de um girino que se alimenta de vegetais. Surpreendentemente, a salamandra sobreviveu à operação e daí em diante recusou comer vermes, mas ingeria os vegetais que normalmente são ingeridos pelo girino.² A Bíblia, embora não seja um livro dedicado à ciência, prevê notáveis evidências do efeito da mente sobre o corpo. S. Lucas 8 fala de um homem que, sendo possesso de demônios, conseguiu despedaçar as cadeias e os grilhões usados para prendê-lo — uma façanha impossível para uma pessoa em seu estado normal. O verso 35 indica que quando Cristo o curou ele recuperou seu "perfeito juízo". Ellen White também falou da influência da mente na cura de doenças: "Muito íntima é a relação que existe entre a mente e o corpo.... O estado da mente atua muito mais na saúde do que muitos julgam.... A doença é muitas vezes produzida, e com frequência grandemente agravada pela imaginação. Muitos que atravessam a vida como inválidos, poderiam ser sãos, se tão-somente assim o pensassem." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 241.

Recente literatura científica prevê forte confirmação. O periódico *Johns Hopkins Medical Journal* relatou estas palavras das Dras. Bárbara J. Betz e Carolina B. Thomas: "As pessoas que têm temperamento irregular parecem ter muito maior probabilidade de contrair alguma doença grave e de morrer jovens do que as pessoas de temperamento diferente."³ Dianne Hales, ex-redatora de *New Physician* e articulista de *Science Year*, expressou uma opinião similar, afirmando que a personalidade afeta a vulnerabilidade às doenças. Entre outras evidências, a autora menciona o retrato das pessoas que sofrem de artrite reumatóide desenvolvido pelos pesquisadores: "um indivíduo que é tímido, inibido, abnegado, perfeccionista, incapaz de expressar ira e hostilidade, e amiúde afligido

por tensões não resolvidas." Ela declara que assim como as emoções negativas corroem nossa resistência às doenças, as emoções positivas, como a alegria, o amor e a afeição, podem preservar e restaurar nossa saúde.⁴

Confirmação adicional é proporcionada pelas experiências de Norman Cousins sobre o efeito curativo do placebo. Numa dessas experiências, metade de um grupo de pacientes com úlceras que sangravam recebeu uma prescrição descrita como "medicamento novo e muito eficaz". A outra metade recebeu a mesma prescrição, mas foi-lhe declarado que se tratava de um "novo medicamento experimental" que estava sendo posto à prova. Setenta por cento do primeiro grupo melhorou significativamente, ao passo que apenas vinte e cinco por cento do segundo grupo apresentaram alguma melhora. Na realidade, ambos os grupos receberam um placebo. Resultados similares foram obtidos com pacientes que estavam sendo tratados de suave depressão mental, aos quais foram dados placebos depois de serem retirados os seus antidepressivos regulares. Cousins cita um pesquisador, Dr. Arthur K. Shapiro: "Os placebos podem ter profundos efeitos sobre as doenças orgânicas, incluindo enfermidades incuráveis." Nas próprias palavras de Cousins, "o placebo não é tanto uma pílula como um processo...; o placebo é o médico que reside no íntimo."⁵ O conselho dos peritos que têm estudado o efeito do placebo parece ser que a confiança do paciente no médico que administra o placebo ativa o cérebro, o qual ordena que o sistema endócrino produza hormônios que regulam a fisiologia do corpo ao controlar a doença.

O fato de que a tensão mental pode ter efeitos dramáticos sobre a fisiologia do corpo recebeu recentemente forte confirmação do pesquisador e microbiologista Dr. Vernon Riley.⁶ O designio de sua obra era verificar os vários efeitos sobre os camundongos de tais situações repassadas de tensão como o medo, super-lotação e manipulação. Ele conseguiu demonstrar que entre as numerosas modificações bioquímicas que ocorrem como reação diante da ansiedade, há acentuado aumento na secreção de corticosterona do córtice de supra-renal sob ativação pelo hipotálamo do cérebro. Esse aumento na taxa de corticosterona resulta numa dramática redução da imunidade do corpo à doença,

devido ao decréscimo do número de linfócitos (glóbulos brancos que combatem germes invasores) circulantes, na diminuição do tamanho do timo (uma glândula que está profundamente envolvida na resistência às doenças) e na perda de tecido do baço e dos gânglios linfáticos. Esses animais sob tensão sofreram acentuada redução em sua resistência às infecções por vírus e outras enfermidades sob controle imunológico, e foram menos capazes de defender-se contra a introdução de células cancerosas. Além disso, o crescimento dos tumores aumentou consideravelmente nos camundongos quando dois a vinte foram colocados numa só jaula, em comparação com um só por jaula.

J. P. Henry e J. Meehan confirmam as descobertas de Riley acerca do efeito do estado emocional sobre as secreções renais. Seu livro "*Brain, Behavior and Bodily Disease*" salienta que a medula supra-renal libera potentes neurotransmissores químicos quando o medo ou a ira é um componente da estimulação incitadora. Com efeito, crescente conhecimento da relação entre a mente e o corpo no controle das doenças conduziu ao desenvolvimento de uma nova disciplina, chamada psiconeuroimunologia, no âmbito da medicina relacionada com a conduta.

Recentemente, o neurofisiologista Leslie L. Iverson fez a excitante insinuação de que o cérebro talvez contenha alguma substância que produza e alivie a ansiedade.⁷ Semelhante observação pode ser verdadeira; o estado de ânimo e o comportamento das pessoas podem ser alterados com facilidade por diversos agentes psicotrópicos, como tranqüilizantes, sedativos, estimulantes e alucinógenos. Esses agentes são eficazes porque frequentemente imitam ou neutralizam substâncias químicas que ocorrem naturalmente e que atuam no sistema nervoso.

Vários desses agentes químicos cerebrais e medianeiros, denominados neurotransmissores, são conhecidos pela medicina moderna. De acordo com Iverson, uns trinta são considerados ou tidos como transmissores no cérebro. (Alguns cientistas calculam que esse número se eleva para cem.) Sabe-se que muitos deles também estão envolvidos no controle dos estados emocionais. Segundo Richard Restak, a adrenalina, a noradrenalina e a dopamina são neurotransmissores que ocorrem naturalmente e que se acham envolvidos na exci-

tação, na ira, no medo, no prazer, na motivação e na euforia.⁸ Ele salienta também que tais medicamentos deprimentes como a reserpina produzem seu efeito pelo fato de causarem o desaparecimento das neurotransmissoras naturais, serotonina e noradrenalina. Por conseguinte, os medicamentos que restauram as taxas normais dessas substâncias ou aumentam sua eficácia atuam como antidepressivos.

Os neurotransmissores atuam em locais específicos do sistema nervoso chamados sinapses. Essas minúsculas lacunas entre as extremidades das fibras nervosas servem para regular a passagem dos impulsos nervosos. Algumas sinapses têm uma função estimulante e facilitam a passagem dos impulsos dum fibra para a outra. Outras têm uma função inibitória, evitando a passagem de alguns impulsos e impedindo, portanto, que o corpo atenda a estímulos irrelevantes. Se uma sinapse é excitadora ou inibitória depende em parte do tipo da substância transmissora secretada pela terminação nervosa na sinapse, e em parte da natureza do receptor sobre o qual age o transmissor. Quando tanto fibras excitadoras como inibitórias convergem nas sinapses, é o total dos efeitos excitantes e inibidores que determina se um neurônio (célula nervosa) irá ou não produzir um impulso. Visto que o estado mental de uma pessoa pode regular a química do cérebro, o tipo de substâncias transmissoras liberadas mais abundantemente no cérebro dependerá em grande parte da disposição de espírito cultivada pela pessoa. Quanto mais tempo for mantido determinado padrão de pensamento, maior será o efeito do transmissor correspondente sobre a fisiologia cerebral. Alguns pesquisadores do cérebro dizem agora que não há um pensamento deturpado sem moléculas deturpadas.

Cumpre notar que as células cerebrais que produzem determinados transmissores não se acham distribuídas a esmo no cérebro, mas se localizam em grupos específicos. Conseqüentemente, várias condições fisiológicas podem ser ocasionadas estimulando-se certas áreas específicas do cérebro. De acordo com os relatórios de vários pesquisadores, reações muito diferentes podem ser produzidas ativando-se centros cerebrais separados por apenas alguns milímetros. A importância desse ponto reside no fato de que o uso repeti-

do de determinado circuito neural ocasiona alterações que tornam cada vez mais fácil o uso desse circuito. Isto, segundo insinua Davi Hubel (agraciado com o Prêmio Nobel de 1981), pode ser a base do desenvolvimento da memória pela repetição.⁹

Determinada combinação de estímulos repetidos pode intensificar certo percurso entre muitos outros numa estrutura neural. Sendo assim, uma pessoa pode cultivar disposições específicas tendo habitualmente certos pensamentos, e visto que essas disposições de espírito provêm de estruturas cerebrais que liberam transmissores específicos, esses percursos cerebrais usados frequentemente produzem padrões de comportamento característicos. Destarte, uma atitude feliz, cultivada constantemente, se torna um fenômeno fisiológico que se grava no sistema nervoso e gradualmente passa a ser automático. Segundo as palavras de Paulo, "contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na Sua própria imagem" (II Cor. 3:18). Se, como diz Salomão, "o coração alegre é bom remédio", o resultado será o bem-estar físico. A atitude taciturna terá o efeito contrário.

A tecnologia médica está dando a entender que padrões de pensamento podem influir sobre a saúde das pessoas liberando no sistema nervoso agentes químicos que têm dramáticos efeitos sobre a fisiologia do corpo. Assim, pensamentos agradáveis e ditosos podem produzir uma sensação de alegria, pois são obtidos por meio de neurotransmissores que têm um efeito estimulante, ao passo que pensamentos de tristeza, ira ou ressentimento podem produzir substâncias químicas que têm um efeito deprimente ou reduzem a capacidade do corpo para resistir às doenças.

Se o padrão de pensamento de uma pessoa pode influir sobre a sua saúde, então os processos mentais também devem ter forte influência sobre o bem-estar espiritual, pois é por meio da mente que o homem se comunica com Deus. A admoestação de Paulo: "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus" (Filip. 2:5) denota que aquilo que somos em nosso pensamento é o que somos na realidade. Não somos necessariamente o que pensamos ser; antes somos o que pensamos! Nossas palavras, nossas ações, nossas atitudes são expres-

sões de nossos pensamentos e do que somos na realidade.

A compreensão de que os padrões de pensamento podem tornar-se estáveis pelo uso repetido dos circuitos neurais que os produzem deve impelir fortemente os cristãos a levar a sério o conselho de Paulo em Filipenses 4:8, para pensarem naquilo que é verdadeiro, respeitável, justo, puro, amável e de boa fama. Isaías declara que Deus habita com os contritos e abatidos de espírito. (Ver Isa. 57:15.) A insinuação é que a permanente presença do Espírito Santo só continuará a estar conosco quando a mente é mantida num estado de constante receptibilidade. Essa condição pode ser cultivada por meio do hábito da meditação e do devoto reconhecimento da presença de Deus. Somos admoestados a orar "sem cessar" (I Tess. 5:17). Essa condição é descrita por Ellen G. White nestas palavras: "Se consentirmos, ... [Deus] por tal forma Se identificará com os nossos pensamentos e ideais, dirigirá nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer, que, obedecendo-Lhe, não estaremos senão seguindo nossos próprios impulsos." — *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 642.

Assim como a repetição aprofunda as impressões sobre a mente, afigura-se que a reiterada supressão de certos processos neurais pode resultar numa gradual diminuição da capacidade de atender aos estímulos mentais correspondentes. Tem sido demonstrado que isto é verdade em animais invertebrados tão simples como os moluscos. Em seu estudo dos circuitos neurais nos moluscos *Apysia*, o pesquisador do cérebro Eric R. Kandel mostrou que a habituação e o gradual decréscimo na intensidade da reação da conduta a uma estimulação específica resultam do sucessivo declínio na quantidade do transmissor conduzido pelas células nervosas que elas visam a inervar.¹⁰ Após oito dias de habituação, trinta por cento das conexões sinápticas não eram mais eficazes. Conquanto não se possa fazer correlações

muito seguras entre os processos neurais de animais inferiores e os do homem, a inferência é forte no sentido de que podem ocorrer modificações permanentes no sistema nervoso quando certos percursos neurais não são usados devido à supressão dos estímulos que os atuariam. Portanto, será cada vez mais difícil atender às sugestões do Espírito Santo se habitualmente reprimirmos reiterados impulsos para atendê-las.

A mente é o meio pelo qual Deus Se comunica com o homem. É a mente do homem que o torna humano, criado à imagem de Deus; e é pela renovação da mente que nos tornamos filhos de Deus. O poder mental para influenciar o corpo e o espírito não pode ser superestimado. Tanto nosso bem-estar físico como nosso bem-estar espiritual dependem de boa saúde mental.

Modernas pesquisas médicas estão confirmando a antiga e sábia afirmação de Salomão. O espírito de gratidão e louvor realmente promove a saúde do corpo e da alma. Não é, portanto, um dever positivo resistir à melancolia e a pensamentos e sentimentos desagradáveis? Um dever tão grande como é orar? Há razões de sobra para que os cristãos sejam o povo mais feliz sobre a Terra, e, se Salomão está certo, também o mais sábio!

Bibliografia

1. Scott Morris em *Readings in the Life Sciences*. S. Wilson e R. Roe (Nova Iorque: West Publishing Company, 1975), pág. 247.
2. Paul Pitsch, "Cérebro Embaralhado", *Harper's Magazine*, maio de 1972, pág. 41.
3. Edward Edelson, "Notícias do Mundo da Medicina", *Reader's Digest*, novembro de 1979, pág. 206.
4. Dianne Hale, "Psico-imunidade", *Science Digest*, novembro de 1981, pág. 12.
5. Norman Cousins, "O Misterioso Placebo", *Saturday Review*, 1º de outubro de 1977, pág. 8.
6. Vernon Riley, "Influência Psiconeuroendócrina Sobre a Imuno-Competência e a Neoplasia", *Science*, vol. 212, 5 de junho de 1981, pág. 1.100.
7. L. L. Iverson, "A Química do Cérebro", *Scientific American*, setembro de 1979, pág. 134.
8. Richard Restak, "Psicoquímica do Cérebro", em *Mind and Supermind*, editado por Albert Rosenfeld (Nova Iorque: Holt, Rinehart and Winston, 1977), pág. 88.
9. David Hubel, "O Cérebro", *Scientific American*, setembro de 1979, pág. 44.
10. Eric R. Kandel, "Pequenos Sistemas de Neurônios", *Scientific American*, setembro de 1979, pág. 66.

MINISTÉRIO

ADVENTISTA

Uma Revista para Pastores e Obreiros

MAI/JUN 83



NÚMERO 3